

Arte e a Escola Inglesa de Psicanálise

A arte vem temperar, dar cor, vida e sabor à existência do homem e a todo discurso que faz uso dela, inclusive o da psicanálise. O psicanalista na sua tarefa de lidar com o sofrimento psíquico pode encontrar na arte um desatar de nós, uma leveza que possibilita lidar mesmo com as questões mais difíceis de forma menos árdua.

Para Freud, a fonte da fruição estética é buscar experimentar a mesma constelação mental, a mesma atitude emocional que levou o artista a criar. A fruição estética está na identificação com o criador, com a capacidade de criar. Segundo Freud, a criação artística é um dos destinos da curiosidade sexual infantil, os outros dois são uma grande inibição e uma atividade intelectual adulta, onde a maior parte da energia da investigação sexual infantil foi convertida em uma preocupação constante e não produtiva. A visão de arte freudiana procura demonstrar que o artista tem uma capacidade especial de elaboração de sua curiosidade sexual infantil e que sua obra é o resultado desta elaboração através da sublimação. Na arte aquilo que desperta desejo, excita sexualmente é apresentado coberto por uma máscara de beleza. A arte, por ser uma ação através da qual é possível uma satisfação próxima do real, através da criação do objeto artístico, proporciona ao artista uma válvula de escape para seu desejo sexual.

Freud afirma que Leonardo da Vinci não amava, nem odiava, apenas se questionava a respeito da origem e do significado daquilo que devia amar ou odiar. A arte de Leonardo é o resultado da transformação dos afetos e sentimentos em objetos de interesse intelectual, que ao atingir o auge da aquisição de conhecimento permitiu que o afeto há muito reprimido viesse à tona e transbordasse livremente, como em um estado de clímax de fundo sexual e emocional. Segundo Freud, daí decorria a fome insaciável de conhecimento de Leonardo. É como se ele transformasse o instinto de investigação em prazer de viver. Para Freud, Leonardo pôde dedicar-se à pesquisa com a mesma intensidade e ardor com que outra pessoa se dedicaria ao seu amor. Freud em sua análise de Leonardo da Vinci, após dirigir sobre a obra, o projetor analítico, é à iluminação da própria obra por ela mesma à qual Freud se deixa finalmente conduzir, e é numa posição de contemplação que Freud descobre a força do imaginário.

Para Winnicott, a questão da arte não se coloca em termos de sublimação de um instinto sexual, isso seria uma forma reducionista de compreender

o fenômeno artístico. Para ele é um erro grosseiro pensar em um artista dando um concerto como uma forma de “masturbação sublimada”, ideia que estaria implícita na visão freudiana. Winnicott também defende que a arte não é um dom misterioso de algumas pessoas, como é para Freud, do seu ponto de vista, a arte deve ser entendida como potencial de criação, inerente à condição humana, o qual vai assumir diferentes formas, entre elas, o de obras de arte.

Winnicott criticou a ênfase que se dá à obra de arte e ao seu conteúdo no livro “O Brincar e a Realidade”, separando a criatividade das obras de arte. De acordo com a sua teoria, tudo o que a pessoa faz é criativo, contanto que não esteja doente ou impedida de ser criativa por fatores ambientais. Viver exige criatividade. Winnicott acreditava que o impulso criativo em si deveria ser o objeto de estudo dos estudos psicanalíticos sobre arte. Segundo ele, a criatividade primária é a condição *a priori* essencial para uma existência significativa. Escritores que focalizam obras de arte específicas ou questões sobre um artista em particular perderiam de vista o principal que é o impulso criativo. A obra de arte tem um interesse secundário para Winnicott, ela obscurece ao invés de iluminar, porque fica entre o observador e a criatividade do artista. O foco da abordagem de Winnicott sobre a arte e a criatividade é no processo e não no produto. A ênfase é sobre a criatividade do dia-a-dia, no viver criativo, na vida como obra de arte e não em produções artísticas e seu respectivo valor.

Já Milner via o papel das artes visuais como semelhante ao do psicanalista: facilitar a aceitação da ilusão e da desilusão e assim possibilitar uma relação mais rica com a realidade. Através da sua própria produção artística pôde verificar o ódio primitivo que resulta da discrepância inescapável entre as possibilidades do sonho e a realidade do mundo externo. Como disse Pasolini, “Por que pintar um quadro quando o sonhar é muito melhor?”; a realidade mesmo transfigurada em arte nunca está à altura dos nossos sonhos.

Milner defende que a experiência artística e estética ajuda a diminuir esse ódio. Assim, a arte pode aliviar tanto o artista quanto o observador dos sentimentos de ressentimento e raiva advindos da perda de um mundo ideal de fantasia.

Milner descreve a experiência estética, a partir de Berenson, como o instante tão breve, quase atemporal em que o espectador é um só com a obra de arte ou qualquer realidade vista como arte, forma e cor. Ele deixa de ser quem é ordinariamente e a imagem, prédio, estátua, paisagem ou qualquer outra realidade estética não está mais fora de si mesmo. Os dois

tornam-se uma unidade e o tempo e o espaço são abolidos. Quando o espectador recupera sua consciência diária é como se tivesse sido iniciado em mistérios esclarecedores. A arte na vida adulta reproduz esse estado elevado de consciência que faz parte de uma infância saudável. Estado que Wordsworth chamou de lampejo visionário, luz mestra de tudo aquilo que vemos.

Milner defende que utilizando a arte, tanto como artistas quanto como observadores ou usando a psicanálise, podemos manter revigorada a nossa percepção estética, já que são esses dois mundos, o estético e o psicanalítico, que unem o subjetivo ao objetivo sem confundi-los. O afeto é o combustível capaz de fazer do encontro com a obra de arte uma experiência estética, uma experiência significativa, de transformação. O tipo de experiência que revigora a nossa capacidade de lidar com a vida, com o mundo.

Hugo Francisco Ramos Nogueira